

CAPÍTULO 21

ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL NUTRICIONISTA NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DE LITERATURA

Sabryna Moraes Goveia
Jethânia Glasses Cutrim Furtado Ferreira
Marcos Roberto Campos de Macêdo

RESUMO

Na atual sociedade, é inequívoco o elevado número de indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é diagnosticado principalmente na fase inicial da vida, apresentando uma semiologia característica: Alterações comportamentais, dificuldade de socialização e comunicação, presença de interesses específicos e padrões repetitivos, além dos problemas pertinentes com a alimentação, sendo esse último de grande relevância a ser abordado, já que a alimentação é fundamental para o melhor desenvolvimento e crescimento saudável de toda criança. Sob esse prisma, o presente estudo buscou analisar de que modo o profissional nutricionista pode atuar no comportamento alimentar de crianças diagnosticadas com TEA. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que foram inclusos estudos sobre a temática na Língua Portuguesa encontrados em plataformas digitais acadêmicas dos últimos cinco anos. Com base nos resultados obtidos, observou-se que o comportamento alimentar de crianças com autismo é irregular, havendo carência de nutrientes essenciais ao organismo devido à preferência de consumo por alimentos processados e ultraprocessados, possibilitando o surgimento de doenças e distúrbios alimentares. Por isso, a alimentação da criança autista constitui numa problemática evidente, a qual deve ser solucionada a partir de métodos e conhecimentos nutricionais, sendo o nutricionista o principal profissional a resolver a questão, fornecendo auxílio às famílias e estratégias alimentares que melhorem os hábitos alimentares das crianças com TEA.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Hábitos alimentares. Atuação do nutricionista. Estratégias nutricionais.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pelo Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM 5 como um transtorno invasivo do desenvolvimento, o qual causa aos indivíduos desvios de comportamento consideráveis que persistem ao longo de toda vida. A síndrome é caracterizada pela presença de alterações tanto cognitivas, quanto comportamentais, causando prejuízos no que tange as habilidades de âmbito social, alimentar, comunicativo e de personalidade, além da presença de interesses específicos e padrões de repetição (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

É considerável a existência de diversos estudos que têm como pretensão entender o TEA ao longo da história, sendo a primeira definição demonstrada pelo psiquiatra Leo Kanner em 1943, quem analisou e caracterizou onze crianças que desenvolveram como principal semiologia a incapacidade de interagir com outros indivíduos, além dessa, observou-se outras

características, como graves distúrbios da linguagem, ecolalia, inversão pronominal, distúrbios na alimentação, estereotípias, e forte resistência a modificações de rotina (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

A Associação Americana de Psiquiatria (APA) define o TEA por meio de dois quesitos: a dificuldade na comunicação e nas relações sociais e a adoção de comportamentos e interesses estereotipados ou repetitivos. Outrossim, acredita-se que os fundamentos causais do TEA envolvem diversos fatores, os quais incluem aspectos genéticos e ambientais (LAZZARINI; ELIAS, 2022).

De acordo com Lavor *et al.* (2021), embora desconhecida, acredita-se que a etiologia do TEA está associada a aspectos genéticos e neurobiológicos, ou seja, na presença de desvios de caráter anatômico e/ou fisiológico no Sistema Nervoso Central, ocasionando, desse modo, perturbações múltiplas entre os genes. Contudo, apesar dos mecanismos genéticos estarem notoriamente relacionadas a esse transtorno, dados constatarem que a determinação de riscos no desenvolvimento de Autismo pode não estar relacionada unicamente com anomalias genéticas.

Segundo Silva e Goulart (2020), a semiologia do Autismo é geralmente observada nos primeiros anos de vida do indivíduo (antes dos 30 meses), causando prejuízos significativos no desenvolvimento cerebral para a prática adequada das habilidades de comunicação e interação social. Como características, há respostas anormais aos estímulos auditivos e/ou visuais, além de elevada dificuldade na compreensão da linguagem oral.

Na atual sociedade, evidencia-se um elevado percentual de indivíduos diagnosticados com TEA, porém, embora seja um aumento considerável, ainda se trata de um assunto novo, pouco conhecido e abordado. Nesse sentido, devido a essa carência de informações sobre o transtorno, quando há o diagnóstico é comum haver preconceitos e muitas vezes não aceitação do prognóstico por parte dos pais e familiares da criança (JORGE *et al.*, 2019).

Por conseguinte, ressalta-se o impacto causado na vida familiar da criança após o diagnóstico do TEA, visto que as mudanças que ocorrerão na rotina diária serão inevitáveis e necessárias, já que os indivíduos com Autismo precisam de acompanhamento constante, sendo assim, modificações e readaptações dos papéis familiares, assim como no âmbito ocupacional, financeiro e das relações interpessoais irão fazer parte do tratamento, além do mais, é inequívoco que o grupo familiar é o primeiro contato social da criança autista, necessitando assim de todo apoio possível (JORGE *et al.*, 2019).

Seguindo essa abordagem, têm-se como exemplo de mudança da rotina familiar a adaptação dos hábitos alimentares da criança autista, os quais devem ser considerados durante o tratamento por serem de grande particularidade. Sobre esse aspecto, observa-se que crianças autistas apresentam grande seletividade ao que é novo, impedindo a introdução de experiências com novos alimentos, facilitando, dessa maneira, o aparecimento de transtornos da alimentação, como a seletividade alimentar (LAZZARINI; ELIAS, 2022).

De acordo com Silvério e Colaboradores (2020), durante a infância, cerca de 25% das crianças neurotípicas possuem alguma dificuldade alimentar significativa, esse percentual, no entanto, se eleva para 80% quando se trata do comportamento alimentar de crianças com o TEA. Sob essa perspectiva, considera-se os hábitos alimentares da criança com TEA mais atípicos do que das crianças sem o transtorno.

Os hábitos alimentares de pacientes com TEA se apresentam por uma diversidade de sinais, os quais abrangem: escolha por texturas de comida específicas, consumo de alimentos que possuem uma única cor, ingestão dos mesmos alimentos diariamente, escolha do ambiente onde a refeição é realizada e assim como nos demais distúrbios alimentares, é possível apresentar sintomas como o jejum prolongado (SILVÉRIO *et al.*, 2020).

Sob esse viés, considera-se ainda, a fundamental importância da descoberta precoce dos transtornos da alimentação, principalmente quando se trata de Autismo. Estudos indicam que, quanto mais precoces as intervenções terapêuticas, melhor será o prognóstico a longo prazo, sendo o nutricionista um dos profissionais essenciais no tratamento (SILVA; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2022).

2. METODOLOGIA

O presente estudo de revisão de literatura que tem como temática: Atuação do profissional nutricionista no comportamento alimentar de crianças diagnosticadas com TEA foi decidido e desenvolvido tendo como base a carência de conhecimentos sobre a importância da atuação do nutricionista no entendimento dos hábitos alimentares das crianças autistas, visto que a essencialidade desse profissional se dá a partir do fornecimento de planos e estratégias alimentares para o melhor desenvolvimento da alimentação, concedendo aos indivíduos melhor qualidade de vida e bem-estar.

Tendo como base os conhecimentos abordados, surge um questionamento: como o profissional nutricionista pode atuar contribuindo de modo eficaz diante do comportamento alimentar de crianças diagnosticadas com TEA?

Para resolução do questionamento exposto, têm-se como objetivo geral: analisar de que modo o profissional nutricionista pode atuar no comportamento alimentar de crianças diagnosticadas com TEA. E objetivos específicos: Identificar quais os hábitos e dificuldades alimentares mais presentes nas crianças com TEA e determinar as melhores estratégias alimentares para proporcionar um desenvolvimento alimentar satisfatório aos pacientes.

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, livros e publicações na língua portuguesa relacionados à temática, os quais foram pesquisados em diversas plataformas acadêmicas, como: Google Acadêmico e SciELO publicados entre os anos de 2018 e 2022. Foi utilizado como palavras-chave: Autismo; TEA; alimentação; nutrição e os descritores: Atuação do nutricionista; hábitos alimentares; crianças com TEA. Tratando-se dos critérios de inclusão, foram escolhidos as publicações, revistas, livros e artigos que se apresentavam na língua portuguesa e que estivessem relacionados ao tema, além dos anos de publicação serem de 2018 a 2022. Quanto aos critérios de exclusão, foram descartadas as publicações anteriores à 2018, em outros idiomas e que não se relacionavam à temática.

3. HÁBITOS E DIFICULDADES ALIMENTARES MAIS PRESENTES NAS CRIANÇAS COM TEA

Os aspectos de repetição são característicos das crianças com TEA, e abrangem também os hábitos alimentares, os quais se apresentam com sinais de desintegração sensorial, causando limitação no consumo e seleção dos grupos de alimentos, minimizando a sua consistência alimentar e corroborando a adoção de hábitos particulares e específicos (MAGAGNIN *et al.*, 2021).

Seguindo essa abordagem, destaca-se a seletividade alimentar como uma das dificuldades presentes nas crianças com TEA, essa pode ser compreendida como um comportamento alimentar anormal em que há a exclusão de um ou mais alimentos, tal característica pode ser passageira, ocorrendo durante à fase de adaptação de novos alimentos, ou a longo prazo, podendo perdurar por todo o desenvolvimento da criança (ROCHA *et al.*, 2019).

A seletividade alimentar é designada por três aspectos: diminuição do apetite, rejeição alimentar e falta de interesse pelos alimentos. Esse conjunto de fatores de resistência acaba por causar a limitação da ingesta alimentar, impedindo a experiência com novos alimentos. Além disso, haverá deficiência nutricional advinda desse comportamento, prejudicando, dessa

maneira, o bom funcionamento do organismo, o qual é fundamental durante a fase de crescimento da criança (ROCHA *et al.*, 2019).

Conforme Queiroz e Garcia (2022) a seletividade alimentar dos indivíduos com TEA pode estar relacionada diretamente com problemas no processamento sensorial, de modo específico, ressalta-se a sensibilidade sensorial oral, principalmente a sensibilidade gustativa, e tátil, podendo atingir também os sentidos de olfato, paladar, visão ou audição, sendo essas, características neuropsicológicas do transtorno.

Ademais, pode atribuir-se a seletividade de alimentos a partir de comportamentos atípicos durante as refeições, como expressões que demonstram aversão ao que está sendo visto ou sentido, estando geralmente relacionado aos critérios característicos dos alimentos, como cor, textura, aparência, temperatura, odor, consistência, forma de apresentação do alimento e embalagem/marca do produto. Desse modo, tais fatores sensoriais causam influência direta na escolha dos alimentos (MORAES *et al.*, 2021).

Em estudo realizado por Moraes *et al.* (2021), em que objetivou-se caracterizar a seletividade alimentar de crianças e adolescentes com TEA, pôde-se constatar que 73 (53,4%) crianças e adolescentes com o transtorno possuíam seletividade alimentar, sendo caracterizada essencialmente pela expressão de fatores e aspectos sensoriais baseados no odor dos alimentos (56,4%), textura (53,9%), aparência (53,8%) e temperatura (51,3%), identificando, desse modo, que a maior parte das crianças e adolescentes com TEA analisados apresentaram seletividade alimentar devido a associação dos fatores sensoriais.

Segundo Faria, Santos e Vieira (2021), em pesquisa realizada para analisar os hábitos alimentares de crianças autistas entre três e cinco anos, comprovou-se a partir de um questionário semiestruturado respondido pelos pais que todas as crianças possuíam dificuldade durante a alimentação, sendo que 66,7% (n=2) gostavam de comer os mesmos alimentos. Com relação à inserção de novos alimentos, 66,7% (n=2) apresentavam dificuldades na aceitação e 66,7% (n=2) apresentavam seletividade alimentar com relação à textura, cor e odor dos alimentos.

O TEA é caracterizado, portanto, através de falhas constantes na comunicação social, bem como a adoção de comportamentos, interesses e/ou atividades restritas e repetitivas, as quais se expandem para os hábitos alimentares, sendo observado padrões de escolhas e rejeições a determinados alimentos e aversão a introdução de novas rotinas (PETITPIERRE; LUISIER; BENSIFI, 2021).

É de grande relevância abordar sobre as preferências alimentares e suas consequências causadas nas crianças com Autismo. Em estudo realizado por Paula *et al.* (2020), observou-se que crianças com TEA apresentavam índices elevados de sobrepeso e obesidade, fato esse causado pela preferência alimentar de alimentos processados, ultra processados e com alto teor de açúcar e de gorduras. Além do mais, havia pouca ou nenhuma preferência por alimentos como frutas, verduras. Em virtude disso, além do sobrepeso e/ou obesidade, notou-se deficiência nutricional e problemas no desenvolvimento e crescimento da criança.

Ademais, observa-se em pacientes autistas preocupações no que tange os cuidados com a saúde bucal, em que essa é geralmente negligenciada devido às preferências alimentares, como o consumo exacerbado de alimentos doces, dificultando a higienização e favorecendo a xerostomia, contribuindo, dessa maneira, para a saúde bucal precária (SILVA; GOULART., 2020).

Estudos constataam que a alimentação de crianças com TEA pode influenciar de modo significativo no seu comportamento, isso porque a ingestão de leite e derivados, pães e massas, e alimentos com alto teor de sódio e gorduras tendem a deixar as crianças mais irritadas. Por conseguinte, é indubitável a baixa preferência por alimentos como frutas, verduras e legumes, em virtude dessa carência de consumo, é possível observar deficiências nutricionais acentuadas de vitamina A, vitamina B6, vitamina D e ferro (FARIA; SANTOS; VIEIRA, 2021).

Outrossim, pesquisas realizadas com crianças e adolescentes com TEA constataam a presença de alterações gastrointestinais significativas em virtude da má alimentação. Observou-se disfunções na microbiota intestinal e o surgimento de comorbidades gastrointestinais como: constipação crônica, diarreia, alergias, vômitos e dores abdominais, acarretando, por consequência, maior risco nutricional, como deficiência de micronutrientes, sendo a de cálcio a mais notável, além da carência de vitamina A, vitamina B2, vitamina B6, vitamina C, vitamina E, ferro, fibras alimentares e zinco (QUEIROZ; GARCIA, 2022).

Seguindo essa abordagem, percebe-se que os padrões de recusa alimentar são característicos do transtorno, todavia, vale ressaltar que as crianças com TEA possuem maior probabilidade de desenvolver o distúrbio alimentar denominado PICA, em que há o consumo recorrente de substâncias não alimentares como areia, giz, tinta e outras, nesse viés, torna-se necessário intervenções diante desse quadro deletério (BARBOSA *et al.*, 2022).

Portanto, a realização de refeições do paciente autista é uma etapa difícil diante das dificuldades presentes, já que essas podem acarretar algumas deficiências nutricionais que

prejudicam a homeostase e desenvolvimento do organismo. Seguindo essa abordagem, é fundamental compreender as características da alimentação desses indivíduos para que haja a construção de métodos terapêuticos dinâmicos produtivos e, dessa forma, contribuir na melhor qualidade de vida dos pacientes e de seus responsáveis (MAGAGNIN *et al.*, 2021). Nesse sentido, faz-se necessário a adoção de estratégias alimentares para as crianças com TEA, sendo de grande importância a inserção do profissional nutricionista na promoção da saúde das crianças com TEA, pois é por meio desse que haverá a elaboração de uma alimentação saudável e facilitada para os pacientes com tais condições, além do auxílio que será fornecido às famílias para a melhor utilização dos métodos que melhorem a escolha dos alimentos e das refeições dos indivíduos com Autismo, conferindo-lhes, portanto, autonomia a longo prazo (SILVA; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2022).

4. PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS ALIMENTARES DESENVOLVIDAS PARA CRIANÇAS COM TEA

É fundamental a obtenção de conhecimentos sobre os hábitos alimentares das crianças com autismo, isso porque a visão abrangente irá contribuir com a eficiência dos profissionais de saúde durante a adoção de metodologias que melhorem o transtorno, como o desenvolvimento de estratégias e protocolos clínicos nutricionais para a melhoria do quadro (MENDES *et al.*, 2022).

As dificuldades na alimentação das crianças autistas é um fato notório, o que acaba por prejudicar a qualidade de vida. Sendo assim, surge a importância do acompanhamento nutricional desde os primeiros anos de vida, para que haja a elaboração de um plano alimentar nutritivo e adequado (BOTTAN *et al.*, 2020).

Tratando-se da saúde pública nacional, o Sistema Único de Saúde (SUS) fornece apoio no tratamento de crianças com TEA, apesar da presença de dificuldades no manejo entre os variados aspectos das redes de educação e de saúde. Logo, a alimentação de indivíduos com autismo permanece sendo um desafio, principalmente para as equipes multiprofissionais na Atenção Primária à Saúde (PAVÃO; CARDOSO, 2021).

O conhecimento sobre a alimentação dos autistas poderá ser utilizado nas etapas de tratamento do TEA, uma vez que o estudo dos hábitos alimentares servirá de auxílio tanto pela equipe multiprofissional quanto para as famílias, contribuindo, significativamente na melhoria e qualidade de vida dos indivíduos (BOTTAN *et al.*, 2020).

Os indivíduos com autismo possuem condições que prejudicam a saúde como um todo. Por isso, há a necessidade de acompanhamento contínuo com uma equipe multidisciplinar de profissionais da saúde. O nutricionista, por sua vez, exerce sua função trabalhando com a nutrição comportamental, por exemplo, a qual auxilia e contribui no que tange a seletividade alimentar, assim como na melhora da saúde intestinal, já que indivíduos com TEA apresentam, normalmente, inflamação no trato gástrico devido à carência de nutrientes (ALMEIDA; NEVES, 2020).

Vale mencionar o papel da família como uma estratégia no tratamento do autismo, visto que a família é o primeiro espaço de socialização da criança, além de ser o principal ambiente que contribui para o seu desenvolvimento. Nesse contexto, o surgimento de uma condição crônica implicará nas interações familiares, tornando-se um desafio, no entanto, o conhecimento sobre métodos de tratamento facilitará o manejo do transtorno (REIS; ANDRADE; JESUS, 2022).

Além do papel familiar, a escola também exerce uma importante função no tratamento de indivíduos autistas. De acordo com Cabral, Falcke e Marin (2021), pôde-se evidenciar a partir de um estudo sobre a participação familiar e escolar de crianças com TEA que a cooperação entre família e escola é algo que contribui significativamente com o desenvolvimento da criança, ainda mais que se notou características marcantes nas crianças, como a falta de troca de afeto devido à dificuldade de conseguirem expressar o que realmente estão sentindo.

Diante desse cenário, é certo que os pais e o corpo docente possuem uma noção melhor de como é e deve ser a inclusão no ambiente familiar e escolar, já que esses estão diretamente ligados com as crianças. Alguns indivíduos olham o autista como um problema, até mesmo na família, principalmente quando se observa os sinais iniciais de suspeita, que levam ao susto, causando, conseqüentemente no processo de adaptação, tanto em casa quanto nas escolas (REIS; ANDRADE; JESUS, 2022).

Segundo Borilli *et al.* (2022), em pesquisa realizada sobre a qualidade de vida de famílias que têm filhos com TEA, constatou-se a partir de análise feita com 69 famílias através de questionários que os filhos que têm autismo necessitam de maiores cuidados e interação social das famílias, para que assim, haja melhora do bem-estar físico e emocional. Sendo assim, pode-se afirmar que os familiares impactam positivamente nesses indivíduos ao entenderem as condições de cuidados dos filhos.

Tratando-se do aspecto nutricional, atualmente, não há uma conduta nutricional completamente adequada para os indivíduos que possuem autismo, contudo, há alguns estudos que demonstram que uma dieta rica em ômega 3, ácido fólico, sem glúten, e sem caseína podem ser benéficas para esses indivíduos (BORILLI, 2020).

Para Cabral, Falcke e Marin (2021), o glúten, a caseína e os peptídeos derivados dessas proteínas podem causar a formação de linfócitos T, citosinas inflamatórias que ocasionam respostas inflamatórias, reações autoimunes e rompimento da comunicação neuro imune. Com isso, as modificações no sistema imunológico podem afetar indivíduos com TEA.

Seguindo essa abordagem, observou-se em crianças autistas níveis significativos de antagonistas dos receptores de Inter leucina, o qual aponta a elevação da resposta celular de macrófagos. Por isso, o TEA é um estado em que a nutrição e os aspectos do ambiente relacionam-se harmonicamente para que assim, haja a elaboração de mecanismos para a melhora da qualidade de vida do indivíduo (CABRAL; FALCKE; MARIN, 2021).

Ainda no trabalho de Cabral, Falcke e Marin (2021) a dieta dos autistas é rica em alimentos ultra processados, o que constitui uma grande problemática, já que esses alimentos são carentes de vitaminas e minerais, além de possuírem um elevado teor de açúcares e gorduras, o que pode causar nesses indivíduos o desenvolvimento de obesidade. Tendo em vista essa realidade, percebe-se a importância do nutricionista no dia a dia de crianças autistas perante as dificuldades abordadas.

Ademais, é inequívoco que os alimentos e seus nutrientes caminham de forma conjunta com o autismo, desde a introdução alimentar até o crescimento, a escolha dos alimentos é uma etapa que requer mais atenção para indivíduos autistas. Evêncio e Fernandes (2019) realizaram um experimento com 14 crianças e 3 adolescentes com autismo, em que se elaborou uma oficina de preparo de alimentos onde podia-se observar diferentes texturas, cores, tamanhos e gostos dos alimentos. Nessa oficina, as próprias crianças, com auxílio de profissionais, realizavam o preparo das suas comidas e comiam, estimulando, dessa maneira, o gosto para comer, rompendo com a rejeição que esses possuíam pelos alimentos.

Evidencia-se, portanto, que o preparo do próprio alimento, além de mobilizar diversas habilidades, ajuda no desenvolvimento da criança, associando com a descoberta do prazer pela alimentação. O alimentar-se é um ato social e está relacionado a rotina das pessoas, com autistas, esse ato habitual pode influenciar no completo desenvolvimento da criança (EVÊNCIO; FERNANDES, 2019).

Dessarte, objetiva-se a introdução de alimentos mais saudáveis aos poucos, levando em consideração os padrões de seletividade e comportamento alimentar, sempre auxiliando os pais e/ou responsáveis quando apresentarem problemas ao introduzir novos alimentos na rotina alimentar da criança (EVÊNCIO; FERNANDES, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que foi abordado, constata-se que TEA é uma realidade preocupante na atual sociedade, isso porque a sua semiologia engloba não somente a dificuldade de socialização e comunicação, mas abrange também os aspectos alimentares, já que as crianças autistas apresentam seletividade alimentar, com preferências únicas e aversão ao novo, dificultando a introdução de novos alimentos, tornando a dieta pouco diversificada e com deficiência de nutrientes essenciais. Tais características contribuem para o aparecimento de doenças e distúrbios alimentares que causarão efeitos negativos no crescimento e desenvolvimento do autista, como sobrepeso e obesidade.

Observou-se que a alimentação das crianças autistas é rica em alimentos fonte de gorduras e carboidratos, como os processados e ultraprocessados, e pobre em alimentos fonte de vitaminas e minerais, o que causa preocupação, pois essa dieta inadequada prejudica o estado nutricional. Para reverter esse problema, tem-se a atuação do profissional nutricionista como intervenção principal, haja vista que através do seu trabalho é possível melhorar a variedade e quantidade de alimentos consumidos, minimizando, dessa maneira, os distúrbios nutricionais.

Portanto, o auxílio de um profissional nutricionista após o diagnóstico de TEA é fundamental às famílias que lidam com indivíduos autistas, pois o fornecimento de uma educação nutricional que modifique os hábitos alimentares inadequados é essencial, visto que quanto mais precoce for o tratamento, melhor será o desenvolvimento da criança com relação à alimentação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília - DF, s.n, nov. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/WY8Zj3BbWsqJCz6GvqGFbCR/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: Jan. 2023.

BARBOSA, G. M. *et al.* Consequências da seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista: revisão bibliográfica. **Research Society and Development**, Vargem Grande Paulista - SP, n. 6, abr. 2022. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29014/25080>. Acessado em: Jan. 2023.

BOTTAN, G. P. *et al.* Analisar a alimentação de autistas por meio de revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, s.l, n. 12, dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/21949>. Acessado em: Dez. 2022.

BORILLI, C. M. **Qualidade de vida de famílias que têm filhos com deficiência intelectual leve associada ao transtorno do espectro do autismo leve**. 2020. 103f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12337/dissertacao_Marcela_DGMel_o_02mar2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: Jan. 2023.

CABRAL, S. C.; FALCKE, D.; MARIN, H. A. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru – SP, s. n, jul. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/STKcXJNwvxqhGk5QKh8WpLP/>>. Acessado em: Jan. 2023.

EVENCIO, K. M. M.; FERNANDES, P. G. História do Autismo: Compreensões Iniciais. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Cariri – PI, n. 47, out. 2019. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/1968/3186/8299>>. Acessado em: Jan. 2023.

FARIA, L. C. M.; SANTOS, A. C. F.; VIEIRA, K. H. Avaliação dos hábitos alimentares de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA): um estudo de caso. **Bionorte**, Montes Claros – MG, n. 2, mar. 2022. Disponível em: <<http://revistas.funorte.edu.br/revistas/index.php/bionorte/article/view/112>>. Acessado em: Dez. 2022.

JORGE, R. P. C. *et al.* Diagnóstico de autismo infantil e suas repercussões nas relações familiares e educacionais. **Brazilian Journal Of health Review**, Curitiba – PR, n. 6, nov. 2019. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/4466/5609>>. Acessado em: Dez. 2022.

LAVOR, M. L. S. S. *et al.* O autismo: aspectos genéticos e seus biomarcadores: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba – PR, n. 1, fev. 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/24948/19891>>. Acessado em: Dez. 2022.

LAZZARINI, F. S.; ELIAS, N. C. História Social e Autismo: Uma Revisão de Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru – SP, s.n, ago. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/xJbTxLYxdpkR7wbdtxM8spr/?lang=pt>>. Acessado em: Dez. 2022.

MAGAGNIN, T. *et al.* Aspectos alimentares e nutricionais de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro – RJ, n. 1, abr. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/WKnC7ffTK4CJZbgbCJRcChS/>>. Acessado em: Dez. 2022.

MENDES, S. A. O. *et al.* Influência dos hábitos alimentares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista - SP, n. 11, ago. 2022. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33193>>. Acessado em: Jan. 2023.

MORAES, L. S. *et al.* Seletividade alimentar em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição (RASBRAN)**, Pelotas - RS n. 2, dez. 2021. Disponível em: <<https://rasbran.emnuvens.com.br/rasbran/article/view/1762/379>>. Acessado em: Dez. 2022.

PAULA, F. M. *et al.* Transtorno do Espectro do Autismo: Impacto no comportamento alimentar. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba – PR, n. 3, mai. 2020. Disponível em:<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/10562/8821>>. Acessado em: Dez. 2022.

PAULA, L. S. P. *et al.* Influência familiar e escolar no desenvolvimento de crianças autistas: Uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, s.l, n. 11, nov. 2020. Disponível em:<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/20575>>. Acessado em: Jan. 2023.

PAVÃO, M. V.; CARDOSO, K. C. C. A influência da alimentação saudável em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Research, Society and Development**, s.l, n. 15, nov. 2021. Disponível em:<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/22568/20066/273906>>. Acessado em: Jan. 2023.

PETITPIERRE, G.; LUISIER, A. C.; BENSAFI, M. Comportamento alimentar no autismo: os sentidos como uma janela para a aceitação alimentar. **Current Opinion In Food Science**, s.l, n. 41, mai. 2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214799321000813>>. Acessado em: Dez. 2022.

QUEIROZ, I. R. I.; GARCIA, P. P. C. Transtornos alimentares em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA). **Research, Society and Development**, Brasília - DF, n. 9, jun. 2022. Disponível em:< <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/31771/27129>>. Acessado em: Dez. 2022.

REIS, E. S.; JESUS, F. A.; ANDRADE, V. S. **Crianças com transtorno do Espectro Autista (TEA) e o auxílio do nutricionista na alimentação: revisão integrativa**. 2022. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) - Centro Universitário AGES, Paripiranga-BA, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/29112>>. Acessado em: Dez. 2022.

ROCHA, G. S. S. *et al.* Análise da seletividade alimentar de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, s.l, s.n, jun. 2019. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/538>>. Acessado em: Dez. 2022.

SANCHES, T. T. B.; TAVEIRA, L. S. Autismo: Uma Revisão bibliográfica. **Caderno Intersaberes**, s.l, n. 18, 2020. Disponível em:<<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1356>>. Acessado em: Dez. 2022.

SILVA, F. S.; OLIVEIRA, R. H. A.; ALMEIDA, S. G. Crianças com transtorno do espectro autista (TEA): desafios com seletividade e restrições alimentares. **Research, Society and Development**, s.l, n. 16, nov. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/366243060_Crianças_com_transtorno_do_espectro_autista_TEA_desafios_com_seletividade_e_restricoes_alimentares. Acessado em: Dez. 2022.

SILVA, N. G.; GOULART, J. C. Avaliação da aprendizagem de pessoas com deficiência: Estudantes com espectro autista na escola regular. **REEDUC (Revista de Estudos em Educação)**, Goiás - GO, n. 1, jun. 2020. Disponível em: <https://revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/10025/7234>. Acessado em: Jan. 2023.